

RESENHA

FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S. **Historiografia**: Salústio, Tito Lívio e Tácito. Campinas, SP: Unicamp, 2016.

Daniel Roberto Duarte Granetto¹

Pedro Paulo Funari é professor titular de História Antiga na Universidade Estadual de Campinas. Suas obras principais, entre outras, consistem em traduções de *Guerra de Jugurta*, de Salústio, uma coletânea de documentos gregos e latinos, o livro *Antiguidade Clássica: A história e a cultura a partir dos documentos*, além de traduções de inscrições latinas publicadas na Grã-Bretanha, na Espanha e no Brasil. Já Renata Senna Garraffoni é professora de História Antiga na Universidade Federal do Paraná, atuante no Centro de Pensamento Antigo (CPA) da Universidade Estadual de Campinas. Suas principais obras incluem *Gladiadores na Roma Antiga* (2005) e artigos sobre epigrafia romana, sobretudo grafites parietais e lápides, úteis ao estudo das camadas populares no início do Principado.

Historiografia, obra dos dois autores, apresenta ao leitor um panorama sucinto acerca dos historiadores latinos mais pertinentes, com destaque a Salústio, Tito Lívio e Tácito. Propõe uma reflexão atual no tocante ao modo de narrar o passado na Antiguidade, defendendo a tese de que esse processo

¹ Graduando em História pela Universidade do Sagrado Coração (USC, Bauru). Resenha realizada sob a orientação das professoras Dra. Lourdes M. G. C. Feitosa e Me. Cinthia M. R. Remaeh, na matéria História Antiga II.

não é neutro, e sim influenciado pelo contexto histórico-cultural de quem o realiza. Ademais, a análise centra-se do final do período republicano até o início do Principado romano, com uma linguagem simples e sem jargões, embora com uma preocupação acadêmica, de modo a atender um público amplo, não só de especialistas.

Destarte, em relação à estrutura, a obra divide-se em cinco capítulos. No primeiro, “Considerações sobre o gênero historiográfico”, é abordado o fato de os historiadores modernos registrarem a história de diversas maneiras ao longo do tempo, o que indica o posicionamento dos pesquisadores de ser a História um constructo cultural representativo de sua sociedade. Aliás, indicam que já na própria Antiguidade existia uma diversidade nas narrativas do passado, bem como a distinção entre a poesia, preocupada com a lição de moral e o caráter arquetípico dos personagens, e a História, com o relato dos eventos irrepetíveis e exclusivos do ser humano. Há ainda a biografia, cuja classificação como gênero historiográfico gera dúvidas aos modernos.

No segundo capítulo, aprofunda-se a análise da historiografia latina, abarcando as suas origens, sua relação com as concepções gregas, os discursos romanos específicos, o espaço das narrações bélicas, além do relativo costume criado de historiar o passado com base em feitos militares e políticos. Outro aspecto tratado refere-se à repercussão de cada um dos historiadores avaliados à sua posteridade. Tiveram variados usos ao longo de muitos séculos, não só na área historiográfica, mas também na filosofia, na política e na literatura.

Finalmente, Funari e Garraffoni encerram o capítulo com uma abordagem fundamental do contexto do período em questão. Para tanto, expõem com destreza a importância do recurso às fontes arqueológicas, aliado ao exame dos documentos literários da época, a fim de atingir um

cenário mais completo e abrangente. Portanto, concluem, por meio dessa metodologia, que o mundo passava por grandes transformações no tempo dos historiadores romanos. Por exemplo, é possível mencionar os sítios arqueológicos que atestam a mudança no padrão de criação de cidades no início do Principado. Essas passam a ser construídas sem muralhas e nas campinas, em vez de em lugares altos e fortificados. Na visão dos autores, tal detalhe é indicativo da paz instaurada por Augusto ao mundo romano em 29 a.C. ao fechar as portas do templo de Jano.

Logo, pode-se inferir a competência dos estudiosos ao não se limitarem a um único tipo de fonte. Ao combinarem os documentos de ordem material e literária, conseguem apresentar ao leitor uma visão mais fidedigna e verossímil do passado. Igualmente se mostram criteriosos no tocante ao uso das fontes literárias a partir da língua original, o latim, atenção observada no decorrer do texto com a referência dos escritos dos historiadores latinos como fontes primárias, todas, com exceção de uma, de sua própria tradução.

Em seguida, são expostos três capítulos descrevendo as vidas e obras de Salústio, Tito Lívio e Tácito. Esses historiadores em particular foram selecionados em função de seu impacto no decurso dos séculos sobre a historiografia moderna. Tal escolha reflete a perspectiva apurada de Funari e Garraffoni acerca das discussões historiográficas de obras estrangeiras de destaque.

Assim, no terceiro capítulo, Salústio (86–35 a.C.) é descrito como um sabino que viveu no final do período republicano, marcado pelo caos das guerras civis. Pertencia a uma família nobre, ingressou na carreira política e foi educado em Roma na tradição grega. Era do partido político de Júlio César e ferrenho opositor de Cícero. Todos esses elementos são determinantes em

sua maneira específica de narrar a história, com uma posição crítica diante dos fatos.

A seguir, passa-se a tratar das três principais obras de Salústio: *História*, *A conjuração de Catilina* e *Guerra de Jugurta*. Em relação a *História*, Funari e Garraffoni comentam, com base em trechos citados, que, apesar de seu estado fragmentado e incompleto, manifesta a crítica de seu autor aos personagens corruptos e aduladores de Roma que comprometiam a perpetuação da República. Foi escrita em um estilo breve, com ênfase às questões militar e política, além de possuir um tom moralista, típico da maioria dos historiadores latinos, mas sobretudo de Salústio.

Já, por outro lado, *A conjuração de Catilina*, mais completa que *História*, inova quanto ao estilo de produção por focar a narrativa na figura de Catilina, símbolo da corrupção da elite romana, e contrapô-la à de César, representante das virtudes capazes, para o autor, de assegurar o triunfo da República sobre as guerras civis. Vale ressaltar que a obra se baseia pela experiência individual de Salústio como participante desse contexto político perturbado. Funari e Garraffoni ainda sugerem que o sabino pode ter conjugado as suas convicções com as fontes consultadas. Pontuam também haver uma incerteza em relação a essas, que poderiam se pautar nos tratados de Cícero, embora aquele se opusesse à sua atuação no governo e ao seu estilo de escrita, e em testemunhos contemporâneos, como os discursos de Catão.

Por fim, *Guerra de Jugurta*, sua maior obra, é uma monografia fundamentada em fontes históricas, pois trata da guerra de Roma contra Jugurta, rei da Numídia, entre 111 e 106 a.C. É permeada pelo moralismo com digressões e discursos diretos, restritos às questões políticas e pessoais dos agentes históricos descritos. No que concerne às fontes, os pesquisadores

apontam que Salústio recorreu a livros anteriores, podendo não se limitar à documentação greco-latina, mas se estendendo à púnica, indicado pelo esforço etnográfico de descrever a geografia local.

No próximo capítulo, o quarto, outro historiador latino é examinado: Tito Lívio (59 a.C. – 17 d.C.), o menos conhecido dentre os estudados e o único, acredita-se, a não exercer nenhuma carreira pública ou militar. Então, é provável que pertencesse à primeira geração da elite romana em Pádua e se dedicado à escrita, dominando também a História de Roma, filosofia e oratória. Isso fica evidente com base em sua única obra a chegar a nós: *Ab Vrbe Condita* (“Da fundação da cidade de Roma”), a maior da Antiguidade, mesmo sendo apenas um quarto dela conhecido, baseada em livros e pesquisas, em vez de experiência de vida pública. O autor tem ligação com o estoicismo da época de Augusto por defender o *mos maiorum* (tradição ancestral). Inspira-se, à diferença de Salústio, nas convicções de Cícero por ver a História como “mestra da vida”. Depreende-se disso que visava à formação ética e política do cidadão romano no então nascente Principado. Para tanto, exaltou a glória romana por meio do diálogo com a tradição, contendo um tom dramático e histórico-analítico, com uma percepção cíclica da História de Roma.

Quanto ao estilo de *Ab Vrbe Condita*, seu modesto prefácio demonstra a perspicácia de sua retórica, conferindo o teor de toda a composição. Trata-se de um símbolo da construção da identidade romana, por meio do tema da religião sob o viés moralizante. Um bom exemplo de tal postura é a narrativa do suicídio de Lucrecia, analisada por Funari e Garraffoni, a qual tem por meta orientar o novo cidadão do Império acerca das virtudes da memória ancestral. Assim, Lucrecia prefere a morte à desonra, permitindo à emergente República preservar a legitimidade, agora transmitida ao Império. Esse era um modelo a ser abraçado por todas as matronas.

Na sequência, os autores afirmam que Lívio foi sistemático no uso de suas fontes, crendo ser seu dever como historiador perpetuar os mitos da tradição. Por esse motivo, não se preocupa com a veracidade rígida dos fatos narrados, e sim com seu fundo moral. No caso das Guerras Púnicas, Garraffoni assinala que se pautou nos trabalhos de Políbio, embora com divergências devido à ênfase ao aspecto literário e moralizante, e não factual. Tendo isso em vista, os autores concluem que a obra de Lívio não deve ser entendida como sem fundamento, mas constituinte de questões sociais e culturais na construção da memória de um povo.

Posteriormente, no quinto capítulo, apresenta-se ao leitor o terceiro historiador latino do livro: Tácito (56–118 d.C.), cuja carreira, ao contrário de Lívio, é documentada com extensão, tanto pelas referências literárias antigas como pela arqueologia e epigrafia. Destaca-se como o único historiador, antigo ou moderno, a ter fundado um estilo e escola de pensamento com seu nome: o tacitismo, caracterizado em suma pela concisão e clareza de palavras e conceitos. Sua produção é vasta, sendo suas principais obras *Agrícola*, *Germânia*, *Diálogo*, *Histórias* e *Anais*. Teve ainda ampla carreira política, com os cargos de questor, pretor, cônsul e procônsul da Ásia.

Funari e Garraffoni situam Tácito no contexto do auge da prosperidade e da paz durante o Principado, momento no qual, no início das *Histórias*, entre 105 e 110, sob Trajano, celebra a liberdade de expressão em detrimento dos abusos de poder de outrora. Seu estilo narrativo, porém, dista radicalmente da norma do período por ser híbrido, heterogêneo e mesclar distintos gêneros literários e influências teóricas em cada uma de suas obras. Em vista disso, os autores sustentam que não se pode reduzi-lo a um estilo específico, mas se deve entendê-lo em uma pluralidade vastíssima que o ressaltou dentre os outros historiadores.

Adiante, explanam que, de modo geral, Tácito se valeu de anotações pessoais, memórias, biografias, registros oficiais e relatos das famílias aristocráticas com as quais tinha contato em diversas regiões, embora não se saiba ao certo a veracidade de tais fontes. Quanto à abordagem, inspirava-se em historiadores prévios, em especial Salústio, tendo uma visão pessimista, já que esperava, como Lívio, a queda iminente de Roma, cooperada, entre outros fatores, pela ascensão social, sobretudo dos libertos, vista como uma deterioração da administração da vida pública. Enfim, os estudiosos entendem que aquele punha os destinos da administração na trama familiar e psicológica dos personagens, considerada o motor da História.

Por conseguinte, diante dos fatos expostos, pode-se comentar que Funari e Garraffoni realizaram com excelência a abordagem dos aspectos filológicos, metodológicos e filosóficos do historiador em diversos momentos históricos, mediante a análise do gênero historiográfico romano. Destarte, aliando as fontes de ordem material e escrita, e tomando a História como um discurso e produto cultural, puderam apresentar ao leitor uma nova perspectiva das várias visões possíveis sobre o passado. *Historiografia*, portanto, constitui leitura indispensável a todos os que se interessam por História Antiga e pela pluralidade dos métodos e estilos narrativos.